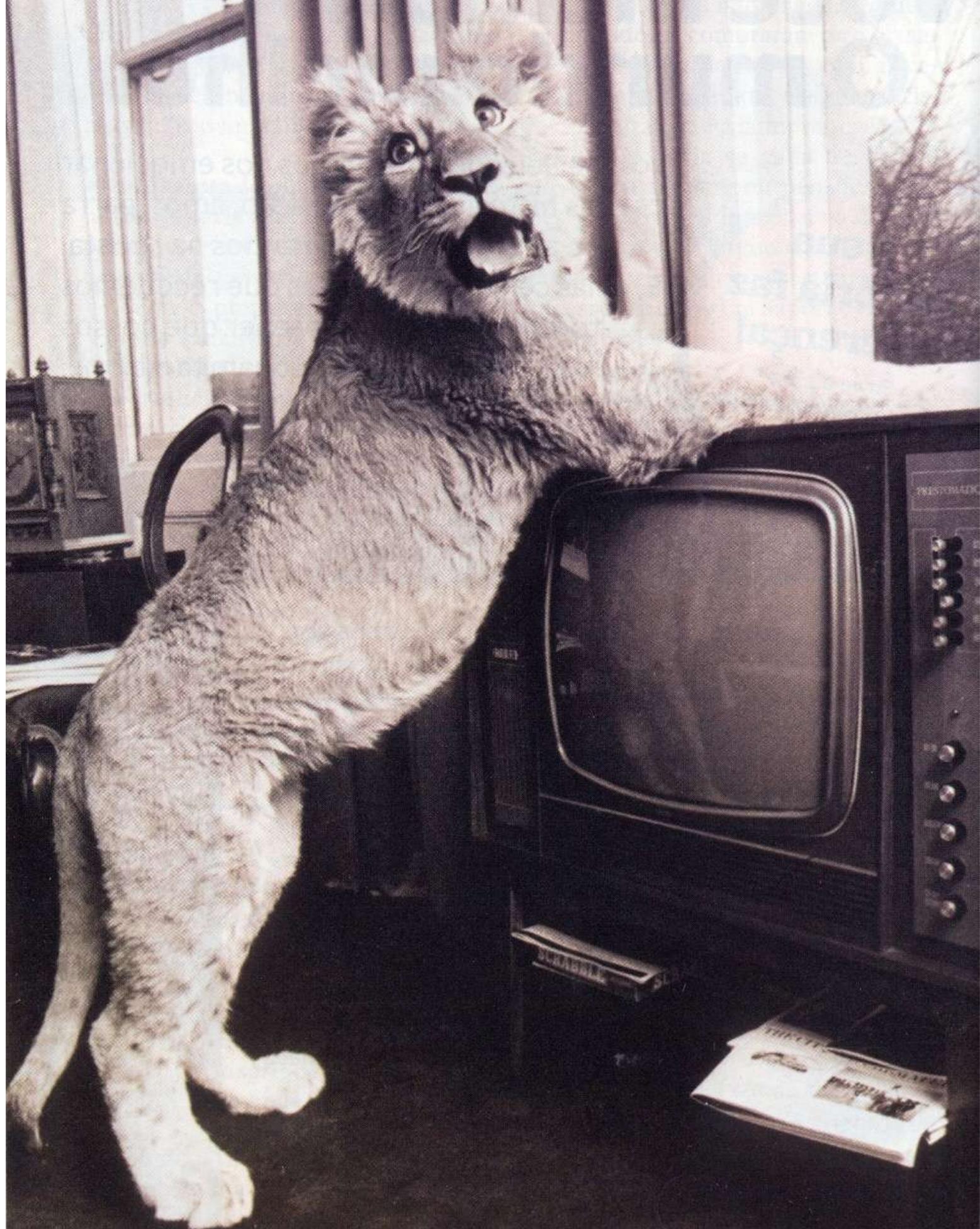


LIVRO DO MÊS



40 ANOS

NA SALA DE ESTAR

POR HEIDI KRAUSE

Quarenta anos depois que dois rapazes levaram um filhote de leão para casa, a história emociona o mundo inteiro.



A história começa em Londres, nos alucinantes anos 1960. Na seção de animais exóticos da Harrods, lendária loja de departamentos com o lema *Omnia Omnibus Ubique* – tudo para todos em todo lugar –, há um filhote de leão numa pequena jaula. John Rendall e Anthony “Ace” Bourke, dois jovens australianos na última moda, de cabelo comprido e calça boca de sino, avistam por acaso o “gatinho” africano e decidem comprá-lo.

Rendall e Bourke batizam o filhote de *Christian* e o criam como bichinho de estimação no seu apartamento transado no bairro londrino de Chelsea. O filhote domesticado acaba ficando grande demais para o centro de Londres, e eles decidem levá-lo para a África.

Até aqui já é uma história notável, mas o que aconteceu depois é que transformou *Christian* em sensação da cultura pop do século 21.

Christian brinca no apartamento de Bourke e Rendall (na página anterior); a dupla de amigos tomava muito cuidado ao sair com Christian, mas passear de carro conversível era uma delícia.

Um ano depois de se separarem do adorado bichinho, Rendall e Bourke viajaram para o norte do Quênia, onde *Christian* se integrara bem à vida selvagem. A reunião dos dois com o leão foi filmada. Quatro décadas depois, este reencontro foi publicado no YouTube, onde já foi visto por mais de 44 milhões de pessoas, e hoje também circula o mundo por *e-mail*.

O clipe de três minutos mostra *Christian* em cima de uma pedra enquanto os dois homens aguardam com expectativa a uns 70 metros de distância. O animal os analisa antes de dar alguns passos em sua direção. De repente, há um inegável instante de reconhecimento e o jovem leão dispara, grunhindo de empolgação enquanto corre na direção dos dois e pula em seus braços abertos. Com as patas imensas nos ombros dos velhos amigos, o leão lambe o rosto deles e lhes acaricia o pescoço com o focinho.

A cena é tão comovente que pode passar por trecho de algum filme de Hollywood. Mas não é ficção. Sem dúvida, para muitos espectadores, o encanto do clipe pode estar no fato de o animal selvagem não atacar os homens. Mas o impacto emocional é algo que Rendall e Bourke, quase 40 anos depois, ainda tentam entender.

“Será a representação de um vínculo tão íntimo entre animais e seres hu-

**“A KINGS ROAD
ERA A MECA DE
ARTISTAS
E PESSOAS
CRIATIVAS, E UM
LEÃO NÃO
ESTAVA FORA DO
CONTEXTO.”**

manos? Será a questão do crescimento e da separação? A da perda, da solidão e da alegria do reencontro? Será o amor incondicional demonstrado por *Christian*?” Eles fazem essas perguntas na introdução de *Um leão chamado Christian*, revisão do livro original de 1971 lançada em 2009 para contar a história desse vídeo tão popular.

Bourke, 62 anos, e Rendall, 64, continuam amigos íntimos. “Quando nos sentamos para olhar fotos antigas e falar de *Christian*, nos apaixonamos de novo por ele”, diz Rendall, hoje um dedicado conservacionista que divide o seu tempo entre Londres e Sydney e trabalha como consultor de Relações Públicas para projetos de viagens e proteção da vida selvagem.

Bourke mora em Bundeena, nos arredores de Sydney, e se tornou um dos principais curadores de arte da Austrália, especializando-se em obras aborígenes e coloniais. Também está envolvido na “luta urgente para preservar a vida selvagem no mundo”.

A experiência dos dois com *Christian* lhes deixou uma marca indelével.

O filhote não nasceu em ambiente selvagem e sim no agora fechado zoológico de Ilfracombe, em Devon, litoral da Inglaterra. Nove semanas depois, foi vendido à loja Harrods e mandado de trem para Londres. Na época, não havia leis que restringissem a venda de animais selvagens.

“Os animais eram comercializados sem limitação e não havia registros confiáveis”, diz Rendall. “Nunca deveriam ter permitido que comprássemos um leão, e sem saber demos apoio ao tráfico de animais, ao qual somos contrários.” Tudo mudou em 1973, quando foi aprovada a Lei de Espécies Ameaçadas.

O filhote cativou os dois amigos, ambos criados no campo e apaixonados por animais. “Ace e eu ficamos horas encantados com o espécime na jaula”, recorda Rendall. “Ficamos chocados ao ver aquela criatura majestosa à venda e presa numa ‘gaiolinha’, e nos sentimos obrigados a fazer alguma coisa. Decidimos que poderíamos oferecer ao filhote uma vida melhor.”

Foi uma ideia pouco prática e um compromisso enorme para dois rapa-

“CHRISTIAN ERA MUITO INTELIGENTE E TINHA UMA NATUREZA MANSA E GRANDE SENSO DE HUMOR.”

zes de 20 e poucos anos que moravam e trabalhavam numa loja de móveis antigos na elegante Kings Road. Tinham partido da Austrália três meses antes, com 11 amigos da universidade, e viajado separadamente pela Europa antes de se encontrarem em Londres. Depois de algumas semanas de cuidadosa deliberação e de um processo metuculozo de entrevistas com a Harrods, os amigos pagaram 250 guinéus (quantia equivalente a 5.300 dólares de hoje) e levaram o filhote para casa.

O grande porão da loja que tinha o nome muito adequado de Sophistocat – o gato sofisticado – se transformou no quarto de dormir e área de lazer de *Christian*. Os dois compraram brinquedos e comida especial e combinaram com um pastor que *Christian* se exercitaria diariamente nos grandes jardins murados da igreja do bairro.

“Era uma época muito criativa em Londres. Já havia um grupo de australianos, como o artista plástico Brett Whitely e a escritora Germaine Greer, agitando o mundo artístico e editorial. Foi um rito de passagem, e todos nós, cada um a seu modo, tentávamos fazer algo diferente”, diz Bourke.

A Kings Road era a meca dos *designers*, músicos, artistas plásticos e outros tipos criativos, de modo que um leão não estava fora de contexto. Nos fins de semana, a rua se transformava num desfile de beleza e extravagância, e “os animais exóticos faziam parte dessa mistura glamourosa”, como escrevem no livro.

Rendall e Bourke não faziam ideia do que viria a seguir nem até que pon-



to o filhote poderia ser domesticado. A Harrods pôs os dois em contato com um casal que comprara um puma no ano anterior, mas nada poderia prepará-los adequadamente.

“Tivemos de improvisar em muitos aspectos”, ri Bourke. “Mas *Christian* era mesmo excepcional. Inteligentíssimo, tinha uma personalidade adorável e tranquila e um grande senso de humor. Também era incrivelmente carismático. Todos se apaixonavam por ele, e isso facilitou o nosso trabalho.”

Logo *Christian* se acostumou com a rotina, dormindo nos seus aposentos bem equipados e recebendo quatro refeições por dia, cuidadosamente equilibradas. A primeira e a última eram uma mistura de comida de bebê com vitaminas, com duas refeições principais de

A primeira noite de *Christian* na selva africana foi passada com um travesseiro aconchegante e a pata no rosto de Rendall.

carne durante o dia. De vez em quando, *Christian*, agradecido, recebia petiscos de filé de um *chef* francês local que tinha um carinho especial por ele.

A Sophistocat era uma “selva de móveis”, e *Christian* adorava brincar com os donos. “Ele era um brincalhão incansável”, recorda Bourke. “Vinha à noite e inventava brincadeiras, colocando-se entre dois móveis e insistindo para que nos ‘escondêssemos’, e depois nos procurava pela loja.” Também adorava cestas de lixo, como escrevem os amigos no livro, “primeiro usadas na cabeça, tapando totalmente a visão, e depois destruídas”.



Ace Bourke e John Rendall permaneceram grandes amigos e são ativistas em prol da vida selvagem no mundo.

Ao contrário de outros felinos, os leões são criaturas sociais que preferem viver num grupo familiar caracterizado por afeição e intimidade. “Éramos o bando de *Christian*”, explica Rendall. “Automaticamente, ele nos aceitou e amou como se fôssemos a família dele.”

Logo *Christian* se tornou personagem popular no bairro. Tinha uma série de admiradores que paravam para brincar, fazer carinho ou observá-lo a distância, enquanto o filhote que não parava de crescer descansava numa mesa antiga na vitrine da loja. “No fim da tarde, adorava sentar-se na vitrine para observar a rua. “Uma atriz amiga

nossa, Unity Bevis-Jones, ficou muito apegada a *Christian* e toda tarde aparecia para brincar com ele”, diz Rendall.

As fotos de *Christian* passeando de carro e comendo em restaurantes da moda refletem a sua condição de celebridade; ele recebeu até convites para estreias de filmes e o papel principal numa série de fotos de vestidos de festa na revista *Vanity Fair*. “Ele chegou a ser entrevistado por Jack de Manio [lendário apresentador de rádio da BBC]”, diz Bourke, rindo.

Ainda assim, os donos o protegiam e raramente o levavam para longe da *Sophistocat* ou do terreno da igreja.

“Ele gostava dos passeios, que eram pouco frequentes. Tínhamos de garantir a segurança de *Christian* e a de todos, e tomávamos muito cuidado”, continua Bourke.

Rendall concorda:

“Precisávamos estar sempre um passo à frente e pensar com antecedência em todas as situações. Há janelas? Há portas abertas? Há crianças ou cachorros?” Felizmente, nunca aconteceu nada desagradável, e Rendall e Bourke se esforçavam ao máximo para que *Christian* soubesse quem mandava.

“Logo ele ficou grande demais para nós, mas nunca deixamos que percebesse”, diz Bourke. “Simplesmente ignorávamos as claras demonstrações da sua força superior. Se o colocássemos numa situação em que ficasse infeliz e sentisse necessidade de agir contra nós, não conseguiríamos controlá-lo por causa do seu tamanho, da sua força e dos dentes e garras afiados. Ainda bem que isso nunca aconteceu.”

Desde o princípio, Bourke e Rendall sabiam que o ambiente que haviam criado para *Christian* na Sophistocat era uma solução temporária. Enquanto ele aumentava de 15 para 85 quilos, também crescia a preocupação com o seu futuro. Então, por pura coincidência, Bill Travers e Virginia McKenna, atores principais do filme *A história de Elza*, sucesso de 1966, entraram na loja para procurar móveis.

Na mesma hora, caíram de encantos por *Christian* e quiseram ajudar. Entraram em contato com George Adamson, grande amigo deles e um dos maiores especialistas em leões do mundo, que concordou em aceitar o desafio de levar *Christian* ao ambiente selvagem da África.

Junto do astro do filme *A história de Elza*, um leão domado chamado *Boy*,

Christian formaria o núcleo de um novo bando criado pelo homem. Travers e McKenna produziram documentários sobre preservação animal e, para cobrir as despesas, propuseram a filmagem de *The Lion at World's End* (O leão no fim do mundo) para acompanhar o treinamento de *Christian* e a viagem à África.

“Foi a solução perfeita. Ficamos muito emocionados e aliviados”, diz Bourke. “George nos avisou que um leão de Kings Road talvez tivesse dificuldade de se acostumar, mas agarramos a oportunidade com unhas e dentes.” Em 1970, depois de prolongadas negociações com o governo queniano, os dois australianos foram para Nairóbi com *Christian*, então com 1 ano. Atrás de Adamson, os dois observaram *Christian* remover instintivamente, no primeiro passeio em solo africano, os espinhos das patas macias e tentar com valentia perseguir a primeira presa. O curioso foi que, de todos os leões aos cuidados de Adamson, *Christian* foi o que fez a transição com mais facilidade.

“VENDO FOTOS ANTIGAS E CONVERSANDO SOBRE CHRISTIAN, APAIXONAMOS-NOS DE NOVO POR ELE.”

“Depois da adaptação inicial, ele não precisou mais de treinamento”, escreveu o falecido Adamson na edição de 1971 de *Um leão chamado Christian*. “George conhecia os leões melhor do que ninguém”, afirma Bourke. “Sentia amor por eles. Assim, embora fosse difícil dizer adeus, aquele foi o resultado que todos desejávamos. Ainda não conseguimos acreditar que tenha dado tão certo.”

No decorrer do ano seguinte, receberam notícias do progresso de *Christian*, e, em 1971, voltaram à reserva.

Adamson avisara aos dois que, provavelmente, *Christian* se lembraria deles, algo que costuma ser citado de maneira equivocada nas reportagens e no comentário de abertura no YouTube, mas até Adamson se surpreendeu com a ternura da saudação do leão.

“As perguntas que todos nos fazem depois de assistir ao vídeo são: ‘Vocês não ficaram preocupados?’ ‘Não ficaram com medo?’ ‘Não acharam que ele ia atacá-los?’”, diz Rendall. “A verdade é que não tivemos medo algum e nunca duvidamos, nem por um segundo,

que ele ficaria feliz de nos ver e nos receberia de maneira maravilhosa. Reconhecemos a linguagem corporal dele, a expressão amorosa, e soubemos que estava empolgado. Estava maior, mas ainda era o mesmo leão que conhecêramos tão bem durante um ano.”

E Rendall continua:

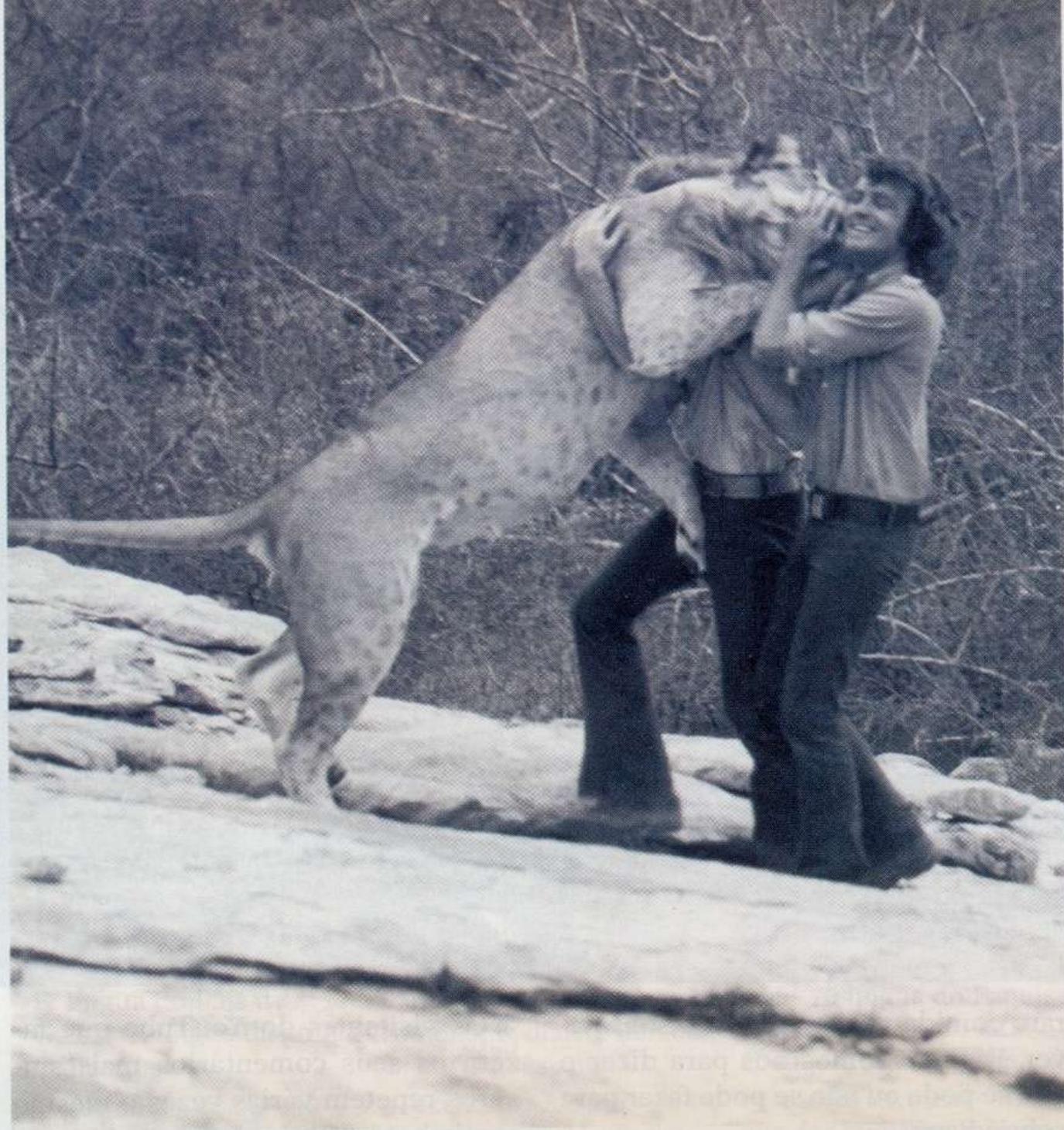
“Quando assistimos ao vídeo, vemos que ele olhava como se pensasse: *Serão eles? Não aguentamos esperar mais e o chamamos. E aí chega aquele momento maravilhoso, quando dá para ver que ele sabe. E então lá vem ele!*”

Rendall mal consegue segurar as lágrimas quando se recorda da empolgação daquele dia, com *Christian* tão saudável, chefe de seu novo bando, mostrando a antiga afeição. “Aqui-lo resumiu a nossa amizade, o nosso amor por ele e o amor dele por nós. Foi o ponto culminante de todo o tempo e amor que investimos nele.”

Em 1972, Rendall e Bourke tiveram o último encontro com o leão, que então já estava totalmente integrado à vida selvagem. Na época, *Christian* pesava cerca de 230 kg e era um dos maiores leões que Adamson já vira. Uma carta que Bourke escreveu aos pais na época diz: “Vimos *Christian* todas as manhãs. Ele está muito mais calmo e seguro de si do que no ano passado, e deslumbrante. Bobo do mesmo jeito. Imenso. Pulou em mim uma vez só, como antes, nas patas traseiras, e com extrema gentileza. Lambeu o meu rosto. Quase esmagou John tentando sentar-se no seu colo!”

Eles passaram nove dias com o ex-bichinho de estimação e foram apre-

**“NÓS NÃO
TÍNHAMOS
MEDO ALGUM
E NUNCA
DUVIDAMOS
DE QUE ELE
FICARIA FELIZ
EM NOS VER.”**



Um ano depois de o terem deixado com George Adamson no Quênia, *Christian* saúda os antigos donos com carinho.

sentados ao bando de leas antes que *Christian* sumisse na região selvagem para nunca mais ser visto pelos amigos. Hoje, *Christian* tem um verbete só seu na Wikipedia, uma página no Facebook e um legado no trabalho do Fundo George Adamson de Preservação da Vida Selvagem. Os amigos se maravilham com o que poderia ser fei-

to se todos os que se comovem com a história de *Christian* trabalhassem juntos para resolver algumas das questões sociais e ambientais mais urgentes do mundo. De acordo com Rendall, a educação é um dos pilares mais importantes do Fundo.

“A tragédia da África atual é que muitas pessoas instruídas vão embora. E muitos dos que ficam estão morrendo de cólera. Quem está morrendo não se preocupa com a vida selvagem. E para quem passa fome os animais vi-

Quem foi George Adamson?

George Adamson foi um dos fundadores da conservação da vida selvagem. Chamado de o “homem dos leões da África”, ficou famoso com o livro e o filme *A história de Elza*. Escrito por Adamson e sua mulher, Joy, o livro se baseia na experiência do casal ao criar *Elza*, uma leoa órfã, e devolvê-la à vida selvagem. Adamson trabalhou no Quênia durante mais de 20 anos antes de se aposentar em 1961 e trabalhar permanentemente com os leões.

Em 1970, mudou-se para a Reserva Nacional de Kora, 280 km a noroeste de Nairóbi. Lá, ele e o sócio Tony Fitzjohn reintegraram centenas de grandes felinos à vida selvagem. Em 1989, aos 83 anos, Adamson foi assassinado em Kora por bandidos somalis.



ram comida necessária para sobreviver. E quem somos nós para dizer o que se pode ou não se pode fazer para sobreviver?”

Bourke diz que o novo interesse pela história de *Christian* ressaltou como as pessoas ficam dependentes dos animais de estimação nesses tempos estressantes. “Formamos com eles relações muito íntimas. Acho que essa é uma das lições principais disso tudo.”

Os visitantes do YouTube que fazem os seus comentários mais sinceros repetem várias vezes o mesmo sentimento: “Obrigado por mostrar ao mundo que os animais selvagens merecem ser tratados com amor e respeito. Vocês são uma inspiração.”

Um leão chamado Christian, de Anthony Bourke e John Rendall, foi publicado no Brasil pela Nova Fronteira.

CARGO VITALÍCIO

Meu filho é muito pirracento. Quando se zanga comigo, diz: “Você está despedida!” O que ele não sabe é que ninguém mais iria querer este emprego!

Dianne Brookland, Nova Zelândia